

## **Corpo e Comunicação: O Que A Performance Ultramasculina Deseja Falar Em Uma Sauna Gay De Fortaleza?<sup>1</sup>**

David COSTA<sup>2</sup>  
Pablo ASSUMPÇÃO<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Ceará, CE

### **RESUMO**

Este trabalho traz apontamentos e observações feitas sobre o comportamento de homens que frequentam a Rommeo Single Hotel, uma sauna gay de Fortaleza, no estado do Ceará. A pesquisa tem como intuito relatar uma experiência etnográfica realizada nesse espaço e mostrar o que ela revelou a respeito das performances masculinizadas. Para entender como essas práticas se atrelam à noção de gênero, autores como Guacira Lopes Louro (2000), Daniel Welzer- Lang (2001) e Richard Schechner (2006) são utilizados. Os experimentos etnográficos de Camilo Braz (2010), Néstor Perlongher (1987) e Laud Humphreys (1999) foram os principais aparatos metodológicos empregados no campo desta pesquisa. A partir dessa experiência, foi possível observar que estas performances atuam como dispositivos comunicacionais no jogo da sedução e na obtenção de sexo.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; corpo; masculinidade; performance; sauna.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo é um fragmento de uma pesquisa que realizei entre 2017 e 2018, durante quase um ano, em uma sauna gay de Fortaleza e que resultou no meu trabalho de conclusão de curso<sup>4</sup>. É importante destacar, primeiramente, que esta pesquisa surgiu a partir de uma curiosidade pessoal. Quando visitei a Rommeo Single Hotel há mais de ano, me vi interpelado por diversas questões sobre corpo, gênero e sexualidade (a homossexualidade, para ser mais específico). Em minhas reflexões, lembro-me de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Recém-graduado do Curso de Comunicação Social - Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, e-mail: [davincost@gmail.com](mailto:davincost@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, e-mail: [libidinalsublime@gmail.com](mailto:libidinalsublime@gmail.com)

<sup>4</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentando em 2018.2, com o título Macho Man: Uma Análise da Performance Ultramasculina em uma Sauna de Fortaleza.

---

questionar como um espaço desses surge. Qual sua finalidade? Por que estes homens frequentam a sauna e, ainda mais, por que se comportam de tal maneira? Posso ser afeminado nesse lugar ou tenho que ser “macho”? Sendo assim, me propus a investigar as performances de masculinidade praticadas dentro desse espaço, seu processos históricos de construção e o que elas desejam comunicar em determinados contextos.

Para entender as naturezas históricas, políticas e sociais do gênero e da sexualidade, utilizei, principalmente, os autores Guacira Lopes Louro (2000) e Jeffrey Weeks (2000), partindo da ideia do gênero como um dispositivo histórico, carregado de simbologias e práticas discursivas, além do seu peso político e social. Os corpos dão vazão a isso e funcionam como indumentárias, adquirindo diversos marcadores de gênero ao longo do tempo, que indicam masculinidade e feminilidade.

Daniel Welzer-Lang (2001, p. 462) indica ainda a existência da “Casa dos Homens”, um momento de transição na vida dos garotos, onde eles são testados e estimulados a performar ações físicas e verbais que indiquem uma masculinidade agressiva e dominadora. Essa performance, como bem denota Richard Schechner (2006, p. 28), acontece no cotidiano, de forma consciente ou inconsciente e está, geralmente, ligada a um ideal de êxito pessoal e social.

É importante ressaltar que as performances observadas no âmbito da sauna configuram um tipo muito específico de performance, fruto de vários processos sociohistóricos que ocorreram no Brasil, mais especificamente a cultura tradicionalista dos papéis de gênero que se instaurou na América Latina, como aponta Parker (2002). O autor destaca ainda o peso que recortes como classe e raça possuem na formação dessas performances e das suas dinâmicas de desejo.

Enquanto em uma região da cidade de Fortaleza, mais próxima da orla marítima, se proliferou diversos bares e boates voltados para um público mais abastado da população LGBT, em outras áreas, como o centro, desenvolveu-se uma cultura de pegação mais clandestina, em praças, esquinas, ruas e locais mais baratos, como os cinemões. São nesses espaços que a figura do homem-macho-operário prospera, criando uma infinidade de fetiches com essa imagem. E é no centro de Fortaleza que vou a campo, conhecer uma das saunas gays mais movimentadas da cidade.

## 1. CORPO, PERFORMANCE E COMUNICAÇÃO

Por muito tempo, pensou-se na sexualidade humana como algo privado, de discussões possíveis apenas entre um homem e uma mulher entre quatro paredes. Tratado como tabu, o sexo era ignorado das questões públicas e sociais, além de ser visto como algo que deve ser praticado apenas entre pessoas de sexos opostos. Com poucos estudos sobre o tema na sociologia entre os séculos XIX e XX, a sexualidade começou a ganhar notoriedade na sexologia, ainda no início do século passado.

Os primeiros estudos com abordagens sociológicas mais contemporâneas acerca da sexualidade surgem nos anos 1960, onde o foco eram as práticas sexuais mais convencionais, como as matrimoniais. As primeiras distinções entre esses estudos e a sexologia e psicanálise residiam na percepção da sexualidade como algo não-natural, mas sim construído a partir de um determinado contexto social. Estas primeiras pesquisas ainda mantinham uma dicotomia entre a heterossexualidade normal e a homossexualidade estranha.

Entendendo a sexualidade humana como parte de diversos processos históricos, culturais e políticos, ela é também um conjunto de linguagens e símbolos inscritos nos corpos e em outros aparatos sociais (LOURO, 2000). Assim como a própria história, a sexualidade é passível de inúmeras mudanças ao longo do tempo. Dessa forma, é possível entender que o que homens e mulheres expressam como sexualidade não é algo natural, nem biológico, mas sim reflexos da cultura de uma sociedade. Como explica Louro (2000), as formas de expressar tal sexualidade, e seus desejos, estariam também condicionadas às regras de cada cultura e relações sociais que se dão em cada uma:

[A] sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As

---

identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2000, p. 9)

Tal condicionamento normatiza certos tipos de sexualidade e lhes conferem regras a serem seguidas e símbolos a serem representados. Louro (2000) sinaliza que esse comportamento tende a produzir “verdades” incontestáveis, muitas vezes usadas para manter um certo *status quo* que não deve ser abalado. Aqui, esses sujeitos assumem identidades, assim como marcas que referenciam essas identificações, expressas no vestuário, nos modos de se falar, de se andar, nos cabelos, nos gestos etc.

Historicamente, a norma sexual estabelecida na sociedade ocidental como padrão a ser seguido foi a de um comportamento heterossexual (LOURO, 2000). Ou seja, nesse modelo pessoas só podem se relacionar com outras de sexo biológico distinto. Sendo assim, criam-se diversos marcadores para institucionalizar e expressar essa sexualidade heterossexual, colocando qualquer outro comportamento diferente numa norma “desviante”.

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. (LOURO, 2000, p. 12, 2000)

Além disso, é possível notar também a predileção dada aos homens nessa construção. Às mulheres, aos gays e lésbicas fica a impressão de que são sujeitos subversivos e, portanto, inferiores. Ou seja, os marcadores delegados aos homens héteros e à sua aparente masculinidade são os modelos a serem preferencialmente seguidos pela sociedade.

Mas como e quando essa educação para se tornar homem é iniciada? Essa disciplina começa ainda na infância, nos primeiros anos da escola. Para Daniel Welzer-Lang (2001, p. 462), quando os meninos começam a frequentar as escolas e passam a viver menos no âmbito familiar, eles adentram um mundo repleto de normas e símbolos masculinos a serem apreendidos. Nesse novo universo, diversos comportamentos são adotados para obter sucesso em dois aspectos. O primeiro seria se

---

igualar aos outros meninos e homens e, posteriormente, mostrar-se melhor que todos. O segundo seria se diferenciar das mulheres e, portanto, de qualquer coisa que faça referência ao universo feminino. A esse mundo dos meninos, Welzer-Lang dá o nome de “Casa dos Homens”.

Nesse “lar”, diversos são os ritos de iniciação para os meninos. Competições sexuais, como rodas de masturbação e comparação do tamanho dos pênis (idem, p. 462) e testes aplicados para medir a resistência à dor, como lutas físicas ou competições esportivas (idem, p. 463) são alguns dos exemplos. É possível estabelecer um contraste com o relato de Guacira Lopes Louro sobre os tempos em que estudou numa escola pública e foi sujeitada aos métodos de adequação do universo feminino. Segundo Louro, “ali nos ensinavam a sermos dóceis, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas” (2000, p. 14).

Apesar de exemplos particulares, é possível inferir desses contextos que o homem deve tentar mostrar uma alta virilidade para ser, de fato, visto como homem, seja se igualando a outros homens, superando-os ou diferenciando-se das mulheres. À estas está relegada a imagem de sujeitos submissos, dóceis e servis, características que são automaticamente transferidas para homens homossexuais e afeminados. Salienta-se portanto que o retrato do homem viril está associado ao homem heterossexual, sendo qualquer outro que se encontre em outra orientação sexual ou identidade de gênero, automaticamente visto como sujeito desviante da norma. Estes serão também vistos e tratados como mulheres.

Nós estamos claramente em presença de um modelo político de gestão de corpos e desejos. E os homens que querem viver sexualidades não-heterocentradas são estigmatizados como não sendo homens normais, acusados de serem “passivos”, e ameaçados de serem associados a mulheres e tratados como elas. Pois se trata bem disto, ser homem corresponde ao fato de ser ativo. E não foi por acaso que encontramos os estupradores dos homens, pois ativos e penetrantes não vivem como homossexuais. (WELZER-LANG, 2001, p. 468)

A partir dessa reflexão, é possível perceber ainda outras nuances presentes na diferenciação dos homens. No universo gay, aquele que assume posição ativa, o que penetra e pode ser chamado de fodeador se distingue do “passivo”, pois este é penetrado

---

e, portanto, se aproxima mais das mulheres. Um dominante, o outro dominado. Sendo assim, a cultura imperante masculina mostra-se como um dispositivo de controle para os sujeitos que não se encontram, nem seguem suas normas. Para Welzer-Lang (2001), uma cultura heterossexista, homofóbica e machista.

Sabendo que a sexualidade deriva e passa por diversas transformações sociais, culturais e históricas, é possível dizer que os múltiplos corpos existentes também experimentam a sexualidade e o desejo de formas diferentes. Para cada corpo, várias possibilidades.

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por força, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambigüidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de "marcas" biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada. (LOURO, 2000, p. 5)

Assim como as noções de sexualidade, os corpos adquirem percepções diferentes de acordo com cada cultura. Passam por um intenso processo de resignificação em diversos âmbitos da sociedade. Os marcadores dados a esses corpos, sejam eles femininos ou masculinos, também mudam de acordo com cada povo e sua história. Partindo da ideia de que esses marcadores configuram dispositivos históricos de controle, nos esforçamos ao máximo para reproduzi-los seguindo uma série de normas. Domesticamos e treinamos nossos corpos para atingir ideais de beleza, saúde e juventude, seja através de roupas, adornos ou atividades físicas - e também aprendemos a categorizar as pessoas pelos marcadores que expressam ou deixam de expressar (idem, p. 6).

O corpo deve ser visto aqui como um aparato discursivo, um organismo que, ligado ao mundo exterior, se apropria de sentidos e expressa símbolos e sensações através de gestos. Januário (2016) explica que as relações sociais ajudam a forjar corpos sociais com características distintas entre si, apesar de estarem constantemente sob um rigoroso esquema de regras e normas.

---

Sobre a relação entre sexualidade e corpo, e os limites de cada um, Jeffrey Weeks (2000) defende que “embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo” (WEEKS, 2000, p. 36). Aqui, o corpo é local dos desejos, pensamentos, necessidades fisiológicas, anseios e comportamentos - tudo isto estaria, de certa forma, relacionado à sexualidade. Weeks sugere ainda uma reflexão: o que permite que esses temas tenham tamanho peso político, moral e cultural?

Para Weeks, a resposta para esse questionamento talvez esteja na própria diferenciação sexual perpetuada ao longo das gerações, junto de sua importância social. O sexo masculino, ativo, aliado de seu corpo viril seria superior ao sexo da mulher, com seu corpo feminino, delicado e dócil. Tal distinção, aparentemente simples, dá a abertura necessária para que a sexualidade masculina domine, e com ela, seja buscado um ideal de comportamento presente num corpo que expressa marcadores masculinos.

Os corpos são instrumentos para a encenação dessa performatividade de sexualidade e gênero. Mas, afinal, o que é performance? Segundo Richard Schechner (2006) a performance é uma ação que pode estar associada a diversos âmbitos.

Nos negócios, nos esportes, e no sexo, “realizar performance” é fazer algo no nível de um padrão – ter sucesso, ter excelência. Nas artes, “realizar performance” é colocar esta excelência em um show, numa peça, numa dança, num concerto. Na vida cotidiana, “realizar performance” é exhibir-se, chegar a extremos, traçar uma ação para aqueles que assistem. No século XXI, as pessoas vivem pelos meios da performance como nunca viveram antes. (SCHECHNER, 2006, p. 28)

Em uma outra definição, Schechner defende que as performances funcionam como rituais de repetição e partes constituintes dos nossos corpos e identidades. Os termos “comportamento restaurado” e “comportamentos duas vezes experienciados” ajudam a ilustrar uma ação que, para ser praticada, precisa de ensaio, mesmo que aparentemente seja realizada de forma espontânea. Longe da ideia de ensaios que antecedem eventos esportivos, ritualísticos ou artísticos, o autor explica que essa preparação acontece na nossa vida cotidiana, nos mais diversos âmbitos. Ainda segundo Schechner, “a longa infância e a meninice específicas da espécie humana é um período estendido de treinamento e ensaio para

---

desempenho de sucesso na vida adulta” (2006, p. 29).

Esses longos processos de ensaio/performance acontecem de forma sutil e suas práticas podem contribuir para a manutenção de uma série de normas ou para radicalmente mudá-las. No entanto, ele alerta: nenhuma performance é idêntica a outra. Por serem realizadas em momentos distintos, com temporalidades e circunstâncias divergentes, cada performance do cotidiano é produzida a partir de uma série de recortes de outras performances, assim como é vivida por cada pessoa de forma diferente.

A raridade de um evento não depende apenas de sua materialidade, mas também de sua interatividade – e a interatividade está sempre em fluxo. Se isso é verdade com relação ao cinema e às mídias digitais, deve ser ainda muito mais para performances ao vivo, onde tanto a produção quanto a recepção variam de caso para caso. Ou ainda para a vida cotidiana, onde o contexto não pode ser perfeitamente controlado. Assim, ironicamente, performances resistem ao que as produzem. (SCHECHNER, 2006, p. 30)

A interatividade e o fluxo mencionados acima denotam um aspecto muito importante sobre a prática da performance - ela é um comportamento reflexivo. Ou seja, sua ação enquanto praticada faz referência a algo ou a alguém, ao mesmo tempo em que aguarda uma resposta para ser posta em prática mais uma vez. Por ser uma ação dotada de símbolos próprios, incorporados por quem a faz, ela precisa ser decodificada por outro alguém.

Sendo a performance uma ação resultante de práticas e costumes anteriores, realizada através dos corpos e possuindo a necessidade de ser interpretada e respondida por outros corpos, podemos estabelecer um paralelo entre a performance e a sexualidade. Se vista pela ótica da construção histórica, a sexualidade é um comportamento restaurado que vem passando por diversas transformações e ressignificações ao longo do tempo. Os marcadores masculinos da virilidade presentes nos corpos dos homens seria um tipo ainda mais específico de performance, ensaiada desde a infância dos meninos e base para a dominação masculina.

Schechner ainda discorre sobre o desempenho de alguns tipos de performance e como eles são importantes para medir o sucesso de determinada performatividade. Em suma, a performance pode servir como um operador comunicacional. E no caso da “Casa dos Homens” (Welzer-Lang, 2001), tal performance praticada pelos corpos



---

masculinos tem como objetivo comunicar um ideal de virilidade. Esse modelo de masculinidade permite que o indivíduo usufrua de uma série de privilégios sociais, estando sempre em posição dominante sobre outros corpos não-masculinos. Os sujeitos que não atendem às expectativas da macheza e do corpo viril, são vistos como femininos e sofrem uma série de opressões e violências sociais.

## **2. RUA METON DE ALENCAR, 622**

A região do Centro de Fortaleza é repleta de estabelecimentos voltados para atividades sexuais hetero e homossexuais. Suas esquinas, ruas e praças contam com pontos de prostituição ocupados por homens, mulheres e travestis. Na Rua Meton de Alencar, 622, encontra-se a Rommeo Single Hotel, descrita em seu site<sup>5</sup> oficial como “a maior sauna do norte e nordeste”.

A sauna é localizada no entorno de outros locais bastante movimentados da cidade de Fortaleza, como a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, o hospital público Instituto Doutor José Frota e a Praça da Bandeira. No mesmo quarteirão do Rommeo, fica o Arena Cine Fortaleza, conhecido cinema-pornô da cidade.

A sauna funciona todos os dias da semana durante 24h e não conta com uma programação fixa, para além dos preços que oferece. Nas segundas-feiras é possível dividir a entrada com um acompanhante, mas nos outros dias da semana o aluguel se torna individual, com um aumento no preço durante os sábados e domingos. É possível pagar para permanecer no local durante 6, 12 ou 24 horas, dependendo do desejo do cliente.

O local não é apenas uma “sauna” e oferece outros serviços que se assemelham aos clubes de sexo descritos por Camilo Braz (2010). A Rommeo conta com um bar, salas de vídeo, cabines e quartos individuais para sexo, *dark rooms*, fumódromo e uma boate que toca música eletrônica e pop norte-americano, além de ser palco para apresentações de *go go boys* e drag queens em algumas noites. Completando a lista de

---

<sup>5</sup> [www.hotelrommeo.com.br](http://www.hotelrommeo.com.br)

---

ambientes, estão as duas saunas do local: uma à vapor e uma seca. O público que anda na Rommeo é bastante variado. Homens jovens, adultos e idosos das mais diferentes cores, tamanhos e formas. É difícil fazer uma estimativa das idades dos frequentantes, mas é possível afirmar que a faixa etária é bastante ampla.

O interesse pelo local surgiu ainda na primeira noite em que o visitei, há mais de um ano, em 1º de outubro de 2017. Um amigo que já conhecia a sauna e estava fazendo aniversário no dia fez o convite e, juntamente com outro amigo, fomos em três ao Rommeo num fim de tarde de um domingo. Ficar seminú é praticamente regra e, logo nos primeiros minutos, os frequentadores pegam suas toalhas na recepção do bar. Com algumas exceções, os que não são vistos de toalha azul estão vestindo alguma sunga ou cueca bastante cavada. Quanto mais pele à mostra, mais chance de chamar atenção. Além do protocolo de vestimenta, ou da falta dela, outra regra chama atenção e essa é mais clara: o uso de celulares. Em alguns ambientes da sauna, nos mais iluminados, é possível ver letreiros proibindo o uso dos dispositivos nos corredores do local. Aparentemente, utilizá-los no bar ou na boate é algo tranquilo, mas o contexto muda quando o visitante quer ir aos outros ambientes da sauna; nesses casos, precisa guardar seu aparelho. Essa norma do local denota uma preocupação com a discrição das relações e de seus praticantes que estão ali. O cuidado para que a identidade, nome ou rosto de ninguém dentro da sauna vaze para fora. Essa prudência pode ou não ter relação com o terceiro aspecto normatizador observado dentro da Rommeo: a sociabilidade mínima engajada ali dentro, ou melhor, a sociabilidade reservada, austera e controlada que os frequentantes praticam. Os sussurros, cochichos e olhares desempenham grande parte dos contatos e (poucos) diálogos que os homens ali tentam estabelecer.

Partindo desse ponto, me propus a observar e analisar de quais formas essa performance ultramasculina funciona como moeda de troca dentro do Rommeo Single Hotel. O que essa performance deseja informar e quais são as reações desencadeadas por ela? A partir do método de observação livre, me pus como pesquisador observador-participante nesses contextos, de modo que pude contemplar os corpos que frequentam o local. Sendo assim, me posicionei como parte da pesquisa e estive atento

---

ao que o meu corpo, pouco másculo e sem músculos, foi capaz de produzir dentro do ambiente, estando ou não sob a influência de uma performance masculinizada.

Durante pouco mais de um ano, fiz visitas periódicas ao Rommeo Single Hotel, em dias diferentes da semana; alguns lotados, outros mais vagos. No decorrer desse tempo, me utilizei dos códigos explícitos e implícitos (silêncio, vestimenta, sem celular) para me integrar à massa de corpos que frequenta a sauna. Utilizei o *cruising*, a pegação ou deriva (PERLONGHER, 1987, p. 156-157) para me deslocar por entre os ambientes do estabelecimento, nunca me mantendo no mesmo local por muito tempo.

### 3. OBSERVAÇÕES LIVRES EM UMA SAUNA GAY

Néstor Perlongher (1987) e Laud Humphreys (1999) já falavam em suas pesquisas de homens que praticavam sexo com outros homens e mantinham posturas ultramasculinizadas. Os michês-machos descritos por Perlongher (1987) agiam de forma extremamente viril e nem se consideravam homossexuais. Os *trades*, ou bofes, de Humphreys (1999) eram homens que frequentavam banheiros públicos, interagiam com outros e, em suas vidas privadas, eram casados e mantinham profissões como motoristas de caminhão ou operários de máquinas. “Todos são normalmente masculinos em aparência e maneirismos” (HUMPHREYS, idem, p. 39). Esses estereótipos se cruzam até com os clones descritos por Braz (2010) em sua tese.

O aspecto a ser observado aqui é como as convenções de masculinidade, mesmo as mais tradicionais e conservadoras, viajam distâncias e temporalidades para assumir novas conotações e funções. Essa performatividade masculina exercida na sauna, aliada às toalhas azuis e à meia-luz, parece se empenhar e constituir as dinâmicas de desejo e comunicação construídas nesse ambiente. O macho como performance surge e, junto com ela, a necessidade de se afastar de toda e qualquer referência ao feminino.

A linguagem corporal inteira participa desses processos comunicativos onde quase nada é dito. Os trejeitos, a forma de andar, a rigidez dos movimentos e a seriedade no semblante formam esse conjunto de códigos que procuram informar a caça e a disponibilidade para o sexo. São os códigos do *cruising*. Aqui parecemos voltar à

---

“Casa dos Homens” de Welzer-Lang (2001), onde esses traços de virilidade aparecem nos garotos. Lá, contudo, esse comportamento comunicava uma suposta masculinidade. Seria possível dizer que, na sauna, essa performance deseje dizer a mesma coisa? Ou estaria apenas relacionada à prática de pegação dentro do ambiente?

Como observador-participante desta pesquisa, me vi diversas vezes impelido a vestir o personagem *macho man*, seja de forma consciente ou inconsciente. Perambular pela sauna com um corpo afeminado, distante do que é apresentado ali dentro, pode atrair olhares de desaprovação ou repugnância. Reproduzir o comportamento dos homens do local, mesmo que de forma mínima, apazigua a sensação de deslocamento, pois deixa a feminilidade menos exposta. Em outros momentos, me portei como “macho” propositalmente para ver os efeitos disso. Os olhares mudam de aversão ou ignorância para desejo. Foram nesses momentos, onde me tornei “presa” para alguns e, possivelmente, fui visto como “caçador” para outros.

Na Rommeo Single Hotel, a mistura é visível: há homens assumidamente gays e há outros que engajam nessa vivência apenas enquanto frequentam o espaço. Há também outras distinções mais claras, como cor da pele, estatura e tamanho do corpo. A semelhança talvez resida no comportamento quase ritualístico praticado ali dentro, a performance de uma masculinidade exacerbada, austera e silenciosa. O *macho man* pegador que caça e, assim como um predador na selva, se mantém à espreita esperando sua próxima presa. A etiqueta empregada é predominantemente a mesma: cabeça erguida, olhos atentos, peito para fora, coluna ereta, trejeitos duros, quase automatizados. Nada de desmunhecar a mão. Andar rebolando, então, nem pensar. Todos esses fatores funcionam como operadores comunicacionais dentro da sauna, diálogos que acontecem por “secadas”. Há um desejo circulante no local em ter e ser esse homem que pouco fala e atrai a todos.

A seguir, um texto escrito em primeira pessoa que descreve os costumes observados na sauna, assim como as leituras que podem ser feitas sobre o meu corpo a partir do momento que me disponho a pôr em operação os dispositivos comunicacionais que a performance masculinizada pode proporcionar.

---

### 3.1 O boné

Primeira semana de setembro. Uma quarta-feira. A sauna está até bastante movimentada para um dia de semana. É a noite dos “Bears” segundo a programação da Rommeo, mas não noto uma quantidade significativa desses homens no local. Estou com um amigo e, durante as primeiras horas, andamos juntos pelo local, indo de espaço em espaço para ver o fluxo. Andar acompanhado na sauna nem sempre é visto com bons olhos, a não ser que alguém queira especificamente transar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Se você perambula pelo local com uma companhia, as chances de ser abordado diminuem bastante. Se você é afeminado, ainda mais e, nesse dia, estou com o cabelo pintado de loiro. Chamo muita atenção, mas pelas razões erradas.

Algumas voltas depois, sugiro ao meu amigo que nos espalhemos e andemos sozinho pelo local. Ele concorda e nos dividimos. Fico por um tempo na boate, há poucos homens, então me sinto mais à vontade para arriscar alguns passos. A boate, apesar de não parecer, também funciona como um local para “caça”, onde a grande maioria se comporta de maneira estática, observando as possíveis presas. Nas poucas vezes que vi homens de fato dançando, eles destoavam completamente do ambiente e atraíam olhares de desaprovação. Os únicos com permissão para fazer isso, mesmo que de forma não-oficial, são os *gogo boys* que se apresentam em algumas noites e se vestem de bombeiros, militares, policiais e outras profissões tipicamente relacionadas a classe operária masculina. São imitações dos castro clones, os objetos de desejo e fetiche consumidos pela subcultura gay nos anos 1970, como descreve Braz (2010, p. 70-71).

Da boate, subo para o Andar Red e passo pelo corredor das cabines atraindo alguns olhares, mais do que quando estive com o meu amigo. No entanto, estar sozinho não é suficiente para de fato “ser visto” na sauna. É preciso se apropriar de alguns códigos e normas. É preciso praticar a etiqueta do macho para que a caça desenvolva para uma pegação. Eu sou bastante ciente do corpo que possuo e sei que só posso performar uma ultramasculinidade até certo ponto, para que eu não me sinta tão desconfortável em minha própria pele. Andar que nem homem é uma demanda que

---

existe na Rommeo, mas até quando ela de fato resulta em algo? Será que os homens mais afeminados, como eu, obtêm tanto sucesso na sauna quanto os mais másculos, mesmo que ambos se comportem da mesma forma? Encarnar o personagem ultramasculino pode não ser suficiente quando se é muito feminino do lado de fora, ainda mais quando seu cabelo está tingido.

Por isso, quando esbarro com meu amigo, peço emprestado o boné que ele está usando. O boné, para mim, sempre foi uma indumentária muito próxima do universo masculino e é raro eu fazer uso dele. Nesse dia, vesti o boné com a aba virada para trás e me pus a andar novamente pelos corredores da sauna. Dessa vez, fui mais encarado. Recebi mais olhares e até alguns sorrisos. Alguns fios loiros escapavam para fora do boné, mas era difícil de ver na penumbra da Rommeo. Talvez só o uso daquela peça já me aproximasse mais de um modelo de masculinidade ideal, um pouco mais longe dos loiros fios da minha feminilidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As visitas realizadas na sauna, feitas sob a ótica de uma experimentação etnográfica, assim como o diário de campo produzido nesse processo, escrito em primeira pessoa, tornaram possíveis diversas reflexões a respeito da pesquisa, assim como evidenciaram as influências do campo de pesquisa no corpo do pesquisador e vice-versa.

No ambiente da Rommeo, as performances masculinizadas adquirem status de superioridade e são praticamente regra na comunicação não-verbal que ocorre no local. Quanto maior for o número de códigos “masculinos” empregados na performance, maior a probabilidade de ser desejado e obter êxito sexual no lugar. Desta forma, há um desinteresse claro em pessoas que não se encaixam nesse padrão ou não correspondem à estas expectativas. O silêncio, os olhares fixos e os gestos comedidos são os principais elementos desta performance.

Desta forma, é importante ressaltar também as decisões que o próprio pesquisador fez sobre o seu corpo em campo. A medida que foi se imbuindo destes

---

códigos, e até de adereços, para expressar uma masculinidade, foi notado e até desejado, ao contrário do que vivenciou quando esteve mais próximo de uma performance afeminada.

## REFERÊNCIAS

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **À meia luz: Uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino**. 2010. 274 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280661>>. Acesso em: 17 out. 2018.

HUMPHREYS, Laud. Tearoom Trade: impersonal sex in public places. In: **Public Sex, Gay Space**. New York: Columbia University Press. 1999.

JANUÁRIO, S. M. B. B. . **Masculinidades em (Re) Construção: Gênero, Corpo e Publicidade**. 1. ed. Covilhã: Labcom Books, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias (UFRGS). 2009.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Braziliense. 1987.

**Rommeo Single Hotel**. Disponível em: <<http://www.hotelrommeo.com.br/>> Acesso em: outubro, 2018.

SCHECHNER, Richard. “O que é performance?”, em **Performance studies: an introduction**, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51.. 2006.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

WELZER-LANG, DANIEL. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol.9, n.2.